

**Fábio Krykhtine, Eduardo Sá Fortes e Paulo Reis<sup>1</sup>**

## Estratégias de Revitalização Urbana

A década de 1980, como apontam Piqué & Pareja-Eastaway (2013, p.2) ficou marcada por projetos de revitalização urbana, como o projeto espanhol '22@Barcelona', o projeto colombiano 'Ruta Medellín', o projeto inglês 'Soho', os quais buscaram novas formas de estímulo econômico e vocações produtivas para aquelas regiões.

Esse processo de mudança social e econômica, resultante da mudança – remoção ou redução da capacidade industrial de uma cidade – ocorreu (e está ocorrendo) em várias regiões do mundo. Os processos que envolvem a desindustrialização, vem reverberando impactos em distintas dimensões: econômicas, sociais e ambientais.

Ao passo que grandes distritos industriais viam suas estruturas serem degradadas e abandonadas, estas novas propostas de uso para aqueles espaços, configuraram propostas de reconfiguração espacial e recuperação social.

### **Revitalização Urbana**

Os objetivos dos processos de revitalização urbana envolvem todos, intervenções e instrumentos complementares para promover a atração de novos investimentos, novas residências, novos equipamentos culturais, novas atividades econômicas, novas atividades de serviços comerciais, preservando a história original e as atividades já instaladas – promovendo processos de recuperação e atualização (MATOS, 2007; ORREGO, 2012).

Na mesma lógica de reconfiguração de grandes áreas urbanas, os megaeventos (como ficaram conhecidos) acabaram por virar modelos globais de revisão de políticas habitacionais, desapropriação de terras, deslocamento de populações pobres, construção de grandes equipamentos esportivos e hiper-valorização imobiliária.

O argumento central que veem conduzindo as políticas que suportam a realização de megaeventos esportivos, em âmbito global, seria que, por meio destes, as cidades e países sede, promoveriam o desenvolvimento econômico, social, urbano, político e esportivo (COAKLEY (2015); DARNELL (2012); HALL (2006); CAGAN (1998); CHALIP (2006); HORNE & MANZENREITER (2006). Essa forma de promoção dos países ganhou o mundo e seduziu uma quantidade expressiva de grupos corporativos associados aos gestores das cidades.

Barcelona, é apontada como um dos grandes exemplos de sucesso dessa política, servindo de vitrine e argumento para que novas 'vendas' do modelo sejam feitas. No entanto, como posto por Costa (2013, p.163), com o passar do tempo e sob a revisão de especialistas de distintas áreas – economia, finanças públicas, arquitetura e urbanismo, ecologia, infraestrutura,... – mesmo o caso de Barcelona “a

---

<sup>1</sup> Como citar: REIS FILHO, P.; KRYKHTINE, F.; SÁ FORTES, E. *Estratégias de Revitalização Urbana*. Artigos Técnicos. Laboratório de Cenários da Agência UFRJ de Inovação. Ano.4. Vol.62, 2020. Disponível em:  
[http://www.inovacao.ufrj.br/images/vol\\_62\\_estrategias\\_revitalizacao\\_urbana\\_2020](http://www.inovacao.ufrj.br/images/vol_62_estrategias_revitalizacao_urbana_2020).

dívida deixada ao governo da Espanha foi de \$4 bilhões, além de outros débitos de \$2,2 bilhões acumulados nos caixas do município e da província”.

Corroborando com isso, em outra abordagem, uma pesquisa foi realizada sobre três casos de megaeventos – Nagano, no Japão, quando sediou os Jogos Olímpicos, em 1998; a Coréia do Sul, que sediou, em parceria com o Japão, a Copa do Mundo de Futebol em 2002; e Montreal, no Canadá, que sediou os Jogos Olímpicos de 1976 – onde Whitson e Horne (2006) apontaram que, em todos os casos, as infraestruturas para os eventos, se verificaram pouco sustentáveis, os ganhos econômicos ficaram aquém das previsões e os retornos sociais foram caracterizados como pouco satisfatório.

Os pesquisadores destacam que os grandes beneficiários dos investimentos, nos três casos, foram as elites políticas e os grupos corporativos responsáveis pelas obras de infraestrutura - as construtoras, os fornecedores de materiais de construção civil, os canais de mídia, as instituições promotoras dos eventos (marketing, relações públicas, propaganda) e o mercado imobiliário.

Neste contexto, os países/cidade sede visam promover uma imagem de que “estão prontos para o negócio” ao invés de buscar suprir as necessidades da população. Como resultado, a agenda de “desenvolvimento” tende a se centrar na construção de infraestrutura para a expansão e trâmite do capital. Metas de desenvolvimento tais como inclusão social e participação popular nas tomadas de decisões, embora normalmente apareçam nos dossiês de candidatura, são rapidamente esquecidas no processo de planejamento e dotação orçamentária. (COAKLEY & SOUZA, 2015, p.676)

(...) pode-se inferir que, enquanto alardeada janela de oportunidades colocadas para a cidade, a implementação das obras e a realização das Olimpíadas de 2016, não lograram os efeitos divulgados. A implementação dos megaeventos na cidade do Rio de Janeiro, também revelou/confirmou o que foi denominado por um dos entrevistados de “gestão intransparente”, por intermédio da qual, a ideia de planejamento foi submetida a outros interesses, mormente, pontuais e conjunturais, especialmente, no que se refere à valorização fundiária, sem alguma indicação de critérios de recuperação das mais-valias criadas, por exemplo (BIENENSTEIN & MASCARENHAS, 2017, p.7)

Vários foram os estudos que fizeram eco à narrativa de uma série jornalistas, cientistas sociais, urbanistas e lideranças políticas, as quais haviam, desde o início, apontado que os megaeventos (no caso brasileiro, a Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016) não atenderiam às expectativas anunciadas, e que as intervenções previstas na cidade do Rio de Janeiro e no país, seriam rodeadas por histórias de superfaturamento, gastos públicos exorbitantes e os tão alardeados 'legados' - jamais cumpridos -, fariam, apenas, parte de campanhas políticas. O que se vê, são obras inacabadas, regiões ambientalmente devastadas, equipamentos esportivos sem uso e uma quantidade grande de dívidas (Mascarenhas, 2016).

Os megaeventos foram tornando-se cada vez mais complexos e seus potenciais de transformação cada vez mais alardeados. Nos últimos 30 anos, com farta campanha global de propaganda, os megaeventos passaram a envolver quantias superiores a

US\$ 10 bilhões. Martin (2015) trata do fenômeno como uma síndrome, onde um conjunto de sintomas podem ser percebidos em conjunto e - interessante perceber, como o planejamento destes megaeventos, seguem uma rotina pré-determinada e ensaiada, como uma grande franquia global.

A pesquisa de Martin (2015, p.7) reúne material que inclui estudos de *sites* de megaeventos em 11 países<sup>2</sup> e reúne, em adição, 51 entrevistas com planejadores, gestores, políticos e consultores envolvidos no planejamento de megaeventos. Os sintomas e as, decorrentes, consequências são recorrentes – tem como base uma estrutura que se repete, de forma previsível e sequenciada, como na tabela a seguir:

Tabela 1. A síndrome do megaevento: sintomas e consequências.

Sintoma	Descrição	Consequências
Super-estimativa de benefícios	Superestimando efeitos positivos dos megaeventos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Má alocação de recursos</li> <li>• Perda de confiança com o senso de cidadania</li> </ul>
Subestimação dos custos	Orçamento real vs. orçamento planejado	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Má alocação de recursos</li> <li>• Especulação</li> <li>• Qualidade duvidosa de construção</li> <li>• Déicits orçamentários</li> </ul>
Compra de eventos	Prioridades de eventos se tornam prioridades de planejamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eventos precisam deslocar necessidades de infraestrutura urbana</li> <li>• Infraestrutura superdimensionada</li> <li>• Infraestrutura inacabada</li> </ul>
Tomada de risco público	Recursos público correndo os riscos para os benefícios privados	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fundos públicos para benefícios públicos limitados ou sem finalidade pública</li> <li>• Especulação</li> </ul>
Regras de exceção	Suspensão do estado regular de Direito	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Deslocamento de prioridades</li> <li>• Redução da fiscalização pública</li> <li>• Participação pública limitada</li> </ul>
Direcionamento de recursos para a elite	Distribuição injusta de recursos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Paisagem urbana espacialmente desigual</li> <li>• Gentrificação</li> </ul>
Correção dos rumos do planejamento	Megaeventos se tornam correções	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Evento determina prioridade nacional para financiamento</li> </ul>

<sup>2</sup> Brasil (Rio de Janeiro), China (Pequim), Canadá (Calgary, Vancouver), Alemanha (Berlim, Munique), Itália (Torino), Coreia (Gwangju, Seul, Yeosu), Rússia (Kazan, Moscou, Sochi), Espanha (Sevilla), Ucrânia (Lviv), Reino Unido (Londres) e Estados Unidos (Salt Lake City).

dos eventos	aparentemente rápidas para grandes desafios de planejamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contornando os processos de planejamento regulares</li> <li>• Desperdício de recursos em eventos como alavanca para o desenvolvimento urbano</li> </ul>
-------------	---	--

Já é possível perceber um declínio importante, como aponta Wilson (2014), na atratividade dos megaeventos. Com a farta divulgação acerca dos benefícios limitados, dos custos exorbitantes e da inoperância dos legados – como visto na Copa do Mundo de 2014 no Brasil e os Jogos de Inverno de 2014 em Sochi – poucos foram os países interessados em sediar os Jogos Olímpicos de Inverno de 2022. Martin (2015, p.15) lembra que cidades como Munique, Oslo, Estocolmo, St. Moritz/Davos, Cracóvia e Lviv, se desvincularam do projeto.

### **Cultura como Instrumento para o Planejamento Urbano**

O planejamento urbano - no sentido mais amplo - tem como mote, atingir objetivos direcionados ao desenvolvimento econômico e social da cidade, buscando ajustar os desenhos geográficos e naturais ao uso racional dos terrenos urbanos. Nesse sentido, busca coordenar as distintas formas de arranjos infraestruturais, habitacionais, comerciais, negociais e logísticos.

A abrangência das intervenções associadas aos arranjos, serão mais ou menos específicos, na medida em que vão atender às distintas forças modeladoras das estruturas de poder da cidade. A cultura, de forma ampla, se caracteriza como um elemento com capacidade modeladora e moderadora entre as outras forças.

As cidades são, em si, geradoras de cultura. São estruturadas pelo conjunto de culturas que somadas e sobrepostas, conformam um sistema contínuo de geração conhecimentos, valores, crenças, a arte, normas, ritos, costumes, hábitos, comportamentos e capacidades em determinado recorte geográfico e ambiental.

Em meio ao desenvolvimento desse conjunto de saberes e tradições, a cultura esportiva, especificamente, ganha, cada vez mais projeção como instrumento capaz de auxiliar a comunicação em campanhas educativas, preventivas e orientadoras dos valores e tradições locais.

Nesse sentido, a cultura esportiva, tendo em vista sua vocação para direcionar olhares, seja pela performance extrema, seja pelo carisma dos heróis-atletas, acaba atraindo a parceria de todos os canais de mídia.

O plano urbano, se caracteriza por ser uma atividade complexa e transdisciplinar, fundamental para a (re)construção da cidade e para seu processo de gestão da cidade, garantindo o direcionamento e a alocação dos devidos recursos.

### **A Cultura Esportiva e o Nascimento dos Heróis-Atletas**

Durante os processos cerimoniais, os limites físicos e cognitivos são testados, como processo de auto conhecimento, força de superação, prova de coragem e conquista de foco - os processos de iniciação 'investem' em momentos de provação extrema, para conseguir melhor lidar e enfrentar o medo. A busca dos limites físicos (no

âmbito individual) acaba por viabilizar o enfrentamento dos limites naturais (no âmbito coletivo). A vivência e a experiência acumulada, daqueles que passaram por provações extremas, acabam por representar a força da própria coletividade.

As cerimônias e rituais, são ações que sempre ocorreram na história dos agrupamentos humanos e continuam ocorrendo em todas as sociedades, ainda nos dias de hoje. As cerimônias são ações, então, que se repetem, de forma recorrente e contínua, fazendo, assim, parte integrante da vida humana. Para Van Genep (1978, p.157) os rituais trazem agregados a si, a celebração de uma característica cíclica e renovadora – “para os grupos, assim como para os indivíduos, viver é continuamente desagregar-se e reconstituir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer”.

Tais ações compõem e ajudam as coletividades humanas a moldarem e organizarem a vida social, perpetuando, durante gerações, determinados significados.

As cerimônias e ritos de passagem na vida tribal, são recorrentes na história de nossa civilização. Esses momentos, de caráter ritualístico, registram um marco de transição, de alteração de *status* individual, ora de caráter religioso, ora de caráter étario, ora de caráter ritualístico. Ocorriam em momentos expressivos da vida coletiva, em distintas situações: um nascimento, uma morte, um desafio, uma colheita, uma batalha ou uma celebração.

Para Peirano (2003, p.11) o “ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios”. Os rituais cerimoniais de iniciação ou de afirmação, em muitos casos, tratam de levar as capacidades físicas daquela(e) que está sendo provada(o), ao extremo. A busca pelos limites físicos, fazem parte de toda nossa história primitiva. As performances de máxima expressão, aproximariam aqueles que desafiaram seus limites, das próprias divindades.

De forma mais sofisticada, na cultura grega, verifica-se na estrutura de sua mitologia, um sistema de modelagem de figuras arquetípicas – personagens heroicos – com capacidades e atributos sobrenaturais. Tais heróis míticos contavam com seus atributos físicos excepcionais, para superar problemas humanos.

Estes personagens atléticos, ocupariam uma posição fronteira entre os homens e os deuses, detendo, assim, uma dimensão semidivina. O universo esportivo, pega emprestado, e por herança, o *status* do modelo, de referencial, de exemplo a ser seguido – faz parte da história dos homens, perpetuadas na repetição contínua das narrativas de nossa tradição oral.

### **O Potencial de Transformação da Cultura Esportiva**

Como visto, anteriormente, as intervenções urbanas, de forma geral, acabam cedendo espaço para as forças de interesses especulativos sobre os territórios impactados, nessa dinâmica, o senso de sucesso do projeto, tende a estar orientado para o atendimento dos interesses dos grupos econômicos envolvidos com a especulação. Os interesses originais, de recuperar a região, são, rapidamente, substituídos por objetivos puramente financeiros.

A partir daí, podemos apontar que a cultura, baseada no esporte, pode e deve ajudar a imprimir nestes processos de revitalização urbana, um direcionamento de ordem mais ética e eficaz – enfatizando, dessa forma, os princípios que o próprio esporte carrega em cada prática.

Com base no conhecimento acumulado pelos vários projetos globais, com intuito transformador dos tecidos urbanos, podemos direcionar o conjunto de princípios a seguir (STEVENTON & WRIGHT (2006); FLORIDA (2002, 2005); KOMNINOS (2006, 2009); BOLUND & HUNHAMMAR (1999); e TZOULAS et al. (2007):

- novo destino econômico para o território;
- oferecendo qualidade de vida para os cidadãos;
- oferecendo infraestrutura de energia, comunicação e transporte adequada;
- ampliando as possibilidades de escolha para os jovens;
- gerando conhecimento com a alocação de centros universitários;
- atraindo investidores com a multiplicação de startups;
- incentivando a apropriação do novo espaço pela população;
- desenvolvendo o senso de integração social, pela diversidade;
- construindo um *mindset* de economia circular e sustentável;
- estimulando a dinâmica da vida sócio-cultural;
- conformando um laboratório vivo de experiências positivas;
- desenvolvendo soluções ágeis de saúde, educação e segurança.

Nessa perspectiva, vale observar que a cultura da prática esportiva e a decorrente atração por eventos e competições são atividades que percorrem, transversalmente, boa parte dos princípios apontados. A cultura esportiva, além de diretamente associada à saúde, está, igualmente, associada à disciplina e à qualidade de vida, tornando-se assim, elemento atrator e facilitador de uma série de ações ligadas ao pertencimento, autoestima e construção de cidadania. Estes elementos, integrados e associados, acabam por facilitar estratégias de comunicação e, dessa forma, funcionam como apoio essencial para a condução de políticas públicas.

Como colocam Bickel, Marques e Santos (2012), o exemplo da superação de obstáculos, conquistas, noções de solidariedade, respeito às diferenças e senso de coletividade, faz da cultura do esporte um poderoso instrumento para transformar vidas, principalmente das crianças e adolescentes. Os exemplos deixado pelos heróis-atletas tem o poder de atrair e manter os jovens integrados ao sistema educativo – configurando, este, como o maior e principal fator de transformação.

A cultura do esporte, como comentado, pode se caracterizar um instrumento de inclusão social, ou seja, como um conjunto de meios e ações capazes de combater a exclusão aos benefícios da vida em sociedade. De forma geral, esta exclusão é provocada pela ausência de oportunidades associadas às classes sociais mais vulneráveis (PACIEVITCH, 2011).

Nesse processo, o esporte, pode funcionar como um instrumento pelo qual a estrutura social busca se adaptar e ajustar, para poder melhor incluir pessoas, na sociedade e, em paralelo, preparar - estes novos incluídos - para desempenhar papéis no sistema produtivo e social.

### **Cultura, Ritmo e Disciplina como Fator de Atração**

A prática esportiva, desenvolve e envolve um conjunto de habilidades físicas e sociais, as quais agregam, em decorrência, novos valores, conhecimentos, atitudes e normas (ALMEIDA & GUTIERREZ, 2009).

Para Samulski (2002), o esporte, traz, para o praticante, uma série de benefícios, como: redução dos níveis de ansiedade, stress e depressão, melhoras no humor, bem estar psicológico, aumento da disposição física e mental, além de um melhor funcionamento orgânico como um todo.

Com base em Dacosta et al.(2007) e Sartori (2000), a série de valores que envolvem a prática esportiva, podem ser resumidos como:

- a) desenvolver a disciplina;
- b) trabalhar em grupo;
- c) encontrar respostas em momentos difíceis;
- d) aprender a decidir;
- e) respeitar a diferença;
- f) aceitar o seu limite e o limite do outro;
- g) aprender a ganhar e perder;
- h) desenvolver o senso de liderança.

### **A Lógica das Cidades Globais**

As cidades tem uma grande oportunidade pela frente. Ao refletirem em seus planos urbanos, uma série de iniciativas, espalhadas pelo mundo, vem ganhando corpo e se consolidando como modelo.

Essa lógica de adequação à padrões globais, busca atender às melhores práticas de governança, planejamento e sustentabilidade. Estas cidades - de padrão global – na medida em que passam a oferecer boa qualidade de vida, estabilidade política, infraestrutura de energia, mobilidade e comunicação, boa governança, bom planejamento e revisão inteligente de áreas degradadas e decadentes, tornam-se chamarizes naturais para investidores globais.

Ao agregar valor econômico e associar um *status premium* a cidade, uma cultura de sustentabilidade e inovação, tornam-se chamarizes para jovens empreendedores, startups e universidades – essa lógica se completa com a efetivação de distritos comerciais, praças temáticas e regeneração dos territórios industriais, passam a fazer parte de um plano estratégico regional.

Estas orientações ganham eco e apoio com os estudos de Polenske et al. (2009):

#### **Benefícios econômicos:**

- Atração de investimentos;
- Aumento da receita tributária;
- Melhoraria da competitividade da Cidade;

Valorização dos terrenos da região;

Eficiência da infraestrutura da cidade;

**Benefícios sociais:**

Aumento das oportunidades de trabalho;

Aumento da acessibilidade à moradias para os moradores;

Melhoraria da qualidade de vida dos moradores;

Mitigação dos riscos à saúde humana;

**Benefícios ambientais:**

Melhoraria da qualidade do ambiente urbano;

Redução das emissões de gases de efeito estufa;

Associação do desenvolvimento urbano à sustentabilidade.

A pressão global por *compliance* e, conseqüente, busca permanente por melhores práticas ambientais, sociais e de governança (ESG) tem impactado todas as corporações e processos de gestão. No planejamento urbano, isto não é diferente, muito pelo contrário, o mundo presta atenção nos movimentos das cidades – eficiência, estabilidade, negócios sólidos, transparência, baixo custo de capital, resiliência contra riscos associados ao clima e sustentabilidade, acabam por orientar negócios e movimentos turísticos. A cultura esportiva, pode se conformar como fundamental instrumento de apoio à processos de transformação ética.

**Referências**

- ALMEIDA, M.; GUTIERREZ, G. Esporte e sociedade. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, n.133, 2009. Disponível em: [www.efdeportes.com/efd133/esporte-e-sociedade.htm](http://www.efdeportes.com/efd133/esporte-e-sociedade.htm).
- BICKEL, E.; MARQUES, M.; SANTOS, G. Esporte e sociedade: a construção de valores na prática esportiva em projetos sociais. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 17, Nº171, 2012.
- BIENENSTEIN, G.; MASCARENHAS, G. Depois do Espetáculo: percepções e avaliações dos megaeventos esportivos no Rio de Janeiro. Desenvolvimento, crise e resistência: quais os caminhos do planejamento urbano e regional? Sessão Temática 3: Produção e Gestão do Espaço Urbano, Metropolitano e Regional. XVII Enanpur, SP, 2017.
- BOLSMANN, C. Representation in the first African World Cup: 'Worldclass', Pan-Africanism, and exclusion. Soccer Soc. 2012;13:156-72.
- BOLUND, P; HUNHAMMAR, S. Ecosystem services in urban areas. Ecological economics, v.29, n.2, p.293 –301, 1999.
- CAGAN, J.; DE MAUSE, N. Field of schemes: how the great stadium swindle turns public money into private profit. Monroe: Common Courage Press, 1998.
- CHALIP, L. Towards social leverage of sport events. J. Sport Tourism, 2006; 11:109-27.
- COAKLEY, J. Assessing the sociology of sport: on cultural sensibilities and the great sport myth. Int. Rev. Sociol. Sport, 2015.
- COAKLEY, J.; SOUZA, D. Legados de megaeventos esportivos. Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte (São Paulo), 2015 Out-Dez; 29(4):675-86.
- COAKLEY, J.; SOUZA, D. Sport mega-events: can legacies and development be equitable and sustainable? Motriz, 2013;19:580-9.
- COSTA, G. Sedar megaeventos esportivos vale à pena? O Social em Questão - Ano XVI, nº29, 2013. Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/7artigo29.pdf>.
- DACOSTA et al. Manual Valores do Esporte SESI. Brasília, 2007. Disponível em: [http://www3.sesi.org.br/Programas/S\\_esporte/manualFundamentosEsporte.pdf](http://www3.sesi.org.br/Programas/S_esporte/manualFundamentosEsporte.pdf).



- DARNELL, S. Sport for development and peace: a critical sociology. London: Bloomsbury Academic, 2012.
- FLORIDA, R. Cities and the creative class. New York: Routledge, 2005.
- FLORIDA, R. The rise of creative class. New York: Basic Books, 2002.
- HALL, C. Urban entrepreneurship, corporate interests and sports mega-events: the thin policies of competitiveness within the hard outcomes of neoliberalism. In: Horne J, Manzenreiter W, editors. Sports mega-events: social scientific analyses of a global phenomenon. Oxford: Blackwell, 2006. p.59-70.
- HORNE, J.; MANZENREITER, W. Accounting for mega-events: forecast and actual impacts of the 2002 Football World Cup Finals on the host countries Japan/Korea. *Int Rev Sociol Sport*. 2004;39:187-203.
- HORNE, J.; MANZENREITER, W. editors. Sports mega-events: social scientific analyses of a global phenomenon. Oxford: Blackwell, 2006.
- KOMNINOS, N. Intelligent cities: towards interactive and global innovation environments. *International Journal of Innovation and Regional Development (Inderscience Publishers)*, v. 1, n.4, p.337–355, 2009.
- KOMNINOS, N. The architecture of intelligent cities integrating human, collective, and artificial intelligence to enhance knowledge and innovation. In: 2nd International Conference on Intelligent Environments, Institution of Engineering and Technology, 2006.
- MAJUMDAR, B.; METHA, N. Sellotape legacy: Delhi & the Commonwealth Games. New Delhi: Harper Collins, 2010.
- MARTIN, M. The mega-event syndrome: why so much goes wrong in mega-event planning and what to do about it. *Journal of the American Planning Association*, 81(1):6-17, 2015.
- MATOS, F. Revitalização urbana da baixa Portuense: qualidade habitacional. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia – Universidade do Porto*, v.1, p.33-54, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/7836>.
- MCCARTNEY, G.; THOMAS, S.; THOMSON, H. et al. The health and socioeconomic impacts of major multi-sport events: systematic review (1978-2008). *Brit Med J.*, 2010; 340:1229.
- MINNAERT L. An Olympic legacy for all? The non-infrastructure outcomes of the Olympic Games for socially excluded groups (Atlanta 1996-Beijing 2008). *Tourism Manag.*, 2011; 33:361-70.
- ORREGO, J. Práticas Contemporâneas no centro urbano: O caso da Revitalização Urbana na área de Cisneros, Medellín–Colômbia. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL URBICENTROS - SALVADOR DA BAHIA, Salvador. 2012. p.1-20. Disponível em: <http://www.ppgau.ufba.br/urbicentros/2012/ST219.pdf>.
- PACIEVITCH, T. Inclusão Social. Infoescola, 2011. Disponível em: <http://www.infoescola.com/sociologia/inclusao-social/>.
- PEIRANO, M. Rituais ontem e hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- PIQUÉ, J.; PAREJA-EASTAWAY, M. Knowledge Cities on Smart Cities: transferring the 22@Barcelona model. *Anais: IASP World Conference on Science and Technology Parks*. 30., 2013. Disponível em: [http://inhalt.com.br/portodigital/Workshop2Speaker2JOSEPM.\(PIQUE\)SPA.pdf](http://inhalt.com.br/portodigital/Workshop2Speaker2JOSEPM.(PIQUE)SPA.pdf).
- POLENSKE, K.; XIN, L.; ZHIYU, C.; HAMILTON, J. Recycling Industrial Land for Urban Redevelopment, Department of Urban Studies and Planning, Massachusetts Institute of Technology, publish in Workshop on Global Innovations, World Bank, 2009.
- SAMULSKI, D. Psicologia do Esporte. Barueri: Manole, 2002.
- SARTORI, G. Psicologia no Esporte e na Atividade Física. São Paulo: Manole, 2000.
- SOLBERG, H.; PREUSS, H. Major sporting events and long-term tourism impacts. *J. Sport Manag.*, 2006;21:213-34.
- STEVENTON, A.; WRIGHT, S. Intelligent Spaces: The application of Pervasive ICT. Springer Science & Business Media. UK: Springer. 2006.
- TZOULAS, K. et al. Promoting ecosystem and human health in urban areas using green infrastructure: a literature review. *Land scape and urban planning*, Elsevier, v.81, n.3, p.167-178, 2007.
- VAN GENNEP, A. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes, 1978.
- WHITSON, D.; HORNE, J. Underestimated costs and overestimated benefits? Comparing the outcomes of sports mega-events in Canada and Japan. *Sociol. Rev.* 2006;54:73-89.

WILSON, S. Ukraine's Lviv withdraws bid for 2022 Winter Games. Associated Press, June, 30, 2014. Disponível em: <http://sports.yahoo.com/news/ukraines-lviv-withdraws-bid-2022-071137232--spt.html>.